



Narrativas da notícia: jornalismo e estigmas sociais

Rosana de Lima Soares*

Resumo: Este artigo busca apontar, em uma amostragem de primeiras páginas de três diários brasileiros (Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil), as configurações de estigmas sociais nelas presentes. Tomamos como pressuposto as definições do jornalismo como fato de língua, da notícia como forma cultural e dos discursos jornalísticos como dotados de uma estrutura sobretudo narrativa.

Palavras-chave: Jornalismo – Narrativa – Estigmas sociais

Abstract: This article aims to analyse three Brazilian papers' front pages (Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil) in order to point out the social stigmas articulated in their texts and images. It considers journalism as a language construction, news as a cultural form, and journalism's discourses as a narrative.

Key words: Journalism – Narrative – Social stigmas

Resumen: El presente artículo busca apuntar, en una muestra de primeras páginas de periódicos brasileños, las configuraciones de estigmas sociales presentes en estos textos e imágenes. Hablamos desde la perspectiva del periodismo como hecho de language, de la noticia como forma cultural, y de los discursos de los periódicos en tanto que dotados de una estructura sobretudo narrativa.

Palabras Clave: Periodismo – Narrativa – Estigmas sociales

Rosana de Lima Soares é Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, e professora do Departamento de Jornalismo e Editoração desta mesma Escola e pesquisadora do Núcleo de Estudos Jornalismo e Linguagem. *E-mail:* rolima@usp.br

Este trabalho se propõe analisar primeiras páginas de jornais diários para discutir alguns dos processos de produção das notícias, sobretudo em suas relações com a sociedade. Se tomarmos como pressuposto que o jornalismo constitui-se, juntamente com outras mídias, como lugar de mediação e construção do espaço público, podemos afirmar que as notícias veiculadas nos jornais não cumprem apenas uma função informativa, mas também formativa. Esta função possui, por um lado, um caráter pedagógico e, por outro, um aspecto normatizador, estabelecendo as fronteiras entre aquilo que é considerado normal ou desviante em uma determinada cultura.

Partindo das definições de jornalismo como fato de língua, da notícia como forma cultural e dos discursos jornalísticos como dotados de uma estrutura sobretudo narrativa, interessantes apontar, em uma amostragem das primeiras páginas de três diários brasileiros (*Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil*), as configurações de estigmas sociais nelas presentes. Desse modo, estaremos investigando, ao mesmo tempo, os critérios de seleção de notícias jornalísticas e seus possíveis efeitos de sentido em relação ao reforço ou questionamento de estigmas sociais cristalizados e (re)produzidos nas mídias. Esperamos, dessa forma, contribuir para a compreensão dos modos de articulação do fazer jornalístico contemporâneo – por meio de seus discursos – no estabelecimento de laços sociais.

Mas, afinal, o que é *notícia*? Se tomarmos a acepção clássica de gêneros jornalísticos, divididos entre informativos e opinativos, podemos entendê-la como uma das *formas de narrar* do jornalismo, somando-se às entrevistas, reportagens, artigos, editoriais, entre outros, podendo ser denominados, de forma mais geral, de *matérias* jornalísticas.

Entretanto, se assumirmos como postulado que o jornalismo constitui-se, sobretudo, como “fato de língua” – entendendo por essa definição “a língua como instituição social fundante” (Gomes, 2000, p. 15)¹ – é possível efetuar o deslocamento de alguns de seus pressupostos, especialmente a questão da objetividade vista como algo externo aos discursos – e, portanto, externo também aos sujeitos que falam-, para entendê-lo, de maneira mais ampla, como uma *narrativa*.

Ou seja: o jornalismo se faz não a partir de definições extrínsecas a ele, em nome das quais deva se pautar – periodicidade, atualidade, difusão, imparcialidade, universalidade – mas a partir de si próprio como instituição que desempenha uma

¹ GOMES, M. R. *Jornalismo e ciências da linguagem*. São Paulo: Hacker/Edusp, 2000.

“função organizadora das hierarquias sociais” (GOMES, 2000, p. 19), organização esta que é feita *discursivamente*.

Uma pequena distinção entre narrativa e discurso faz-se necessária: partirmos, neste artigo, da definição clássica de narrativa (a partir de Propp e Greimas) como “relato de uma transformação, a passagem de um estado inicial para o final” (GOMES, 2000, p. 49). Narrar é contar uma história; os discursos, quaisquer que sejam eles (incluindo os discursos jornalísticos), podem ser definidos como a colocação em ato deste contar e possuem, dessa maneira, uma organização narrativa. Ou seja: são definidos por funções a serem desem-penhadas pelos sujeitos no desenrolar da história contada imprimindo transformações por meio de ações movidas pelo desejo de seus atuantes.

A partir dessa concepção, mais do que informações que registram eventos – relatos estes que se pretendariam fiéis a uma suposta realidade – as notícias (os acontecimentos narrados pelo jornalismo) passam a ser vistas como “formas culturais” (SCHUDSON, 1995, p. 27)² construindo, ao demarcar o espaço social, a “arena simbólica da sociedade” (ou a própria realidade): “O objetivo mais importante das notícias, portanto, é fornecer à arena simbólica e à cidadania imagens abrangentes e representativas (ou construtos) da nação e da sociedade” (GANS, 1980, p. 312).³

Uma última observação se faz fundamental: se afirmamos que os discursos jornalísticos possuem uma estrutura narrativa, estamos afirmando, conseqüentemente, que a narrativa não é privilégio do relato ficcional, constituindo também o relato factual. Dessa forma, “quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (que, o que, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p.11).⁴

Observemos ainda que o *ficcional* e o *factual* – como pode ser percebido não só no jornalismo, mas também em telenovelas e *reality shows* – são campos que têm borrado, cada vez mais, os limites entre suas fronteiras, afastando-se da distinção comumente a eles atribuída entre relatos falsos ou verdadeiros, imaginários ou reais.

Nas narrativas contadas pelos discursos jornalísticos, interessa-nos apontar as (con)figurações articuladas em torno dos *estigmas sociais*. Tal escolha não é aleatória, mas parte do princípio de que, como instituição ordenadora do espaço social, o jornalismo recorta espaços de inclusão/exclusão e, ao fazê-lo, demarca as

² SCHUDSON, M. Creating public knowledge, *Media Studies Journal. Media and democracy*. V. 9, n. 3. New York: Columbia University, 1995.

³ GANS, H. *Deciding what's news*. Nova Iorque: Vintage Books, 1980.

⁴ SODRÉ, M. & FERRARI, M. H. *Técnica de reportagem. Notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

margens daquilo que será reconhecido como “normal” ou “desviante” (FOUCAULT, 2002)⁵ em uma determinada sociedade. A fim de melhor estabelecer essa relação, apontaremos alguns dos conceitos norteadores de nossa concepção de *estigmas sociais*.

Narrativas jornalísticas e estigmas sociais

⁵FOUCAULT, M. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

A palavra *estigmas* pode ser pensada de diversas formas. Nesse trabalho, optamos por diferenciá-la de algumas outras às quais tem sido freqüentemente associada – os estereótipos, os preconceitos, as discriminações às minorias. Tomamos o conceito de *estigmas* – especialmente em sua adjetivação como *sociais* – como mais abrangente e, talvez, estruturante, destas palavras correlatas.

Enquanto os preconceitos podem ser pensados de forma mais localizada (não são poucos os exemplos de discursos preconceituosos nas mídias), e os estereótipos podem ser caracterizados como modelos cristalizados (a partir dos quais determinados grupos são definidos), os estigmas apresentam-se como categorias invariantes (ou seja, repetem-se não em termos de conteúdos, mas de *articulação*). Tais categorias não necessariamente – ainda que majoritariamente – possuem conotação negativa, enquanto os preconceitos e os estereótipos dirigem-se, prioritariamente, a grupos excluídos ou periféricos em relação à dinâmica social dominante. Não podemos esquecer, entretanto, que a questão dos estigmas se complexifica quando estes se encontram inter-relacionados a preconceitos e estereótipos fortemente arraigados na sociedade. Isso acontece, por exemplo, no caso de temas como racismo, violência, tabus, questões de gênero, entre outros.

Alguns aspectos, portanto, são fundamentais para conceituarmos e diferenciarmos os estigmas sociais: 1) seu caráter invariante não os torna estáticos (são inúmeros os recobrimentos que recebem em cada contexto histórico, social, cultural); 2) sua dinâmica é, sobretudo, relacional (um estigma só opera em relação a outros elementos colocados em um determinado sistema de interações sociais); 3) sua definição retoma as origens da palavra: *estigmas* são marcas que se destacam no sujeito e, ao fazê-lo, ressaltam determinados atributos; 4) tal *marcação* realiza, ao mesmo tempo, processos de inclusão/exclusão que unem e separam aqueles implicados nessa relação; 5) as definições e consensos sobre aquilo que é considerado *normal* ou *desviante* determinam os alcances e limites dos estigmas sociais.

Além disso, acrescentamos que os estigmas surgem apenas quando o sujeito estigmatizado encontra-se em *um lugar no qual não deveria estar*, ou seja, quando atributos desejáveis ou indesejáveis deixam de ocupar seu lugar como estabelecidos ou estigmatizados e tentam romper tais barreiras. A tentativa de manter a ordem e restabelecer hierarquias – procedimentos característicos da atribuição de preconceitos e estereótipos a determinados grupos – radicaliza os processos de inclusão/exclusão, levando à articulação desses atributos em torno de estigmas sociais (ver GOFFMAN, 1978).⁶

⁶ GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

Como exemplo, podemos citar a recente minissérie “Um só coração” (2004), da Rede Globo. Ao lermos no jornal *Folha de S. Paulo* (Ilustrada, 21/03/04) que esta “Série tem íbope com familiares e na USP”, vemos surgir uma sobre-posição de estigmas: o da televisão como veículo massivo e, portanto, de má qualidade; o dos intelectuais como avessos à televisão; o da USP como reduto da elite; o dos familiares como opostos à suposta capacidade crítica da universidade, além daquele enunciado na chamada de capa do caderno – “Modernismo para as massas” – no qual a população em geral é colocada como oposta ao campo da cultura dita “erudita”. Todas essas tematizações apontam para os diversos estigmas presentes nos textos citados.

Pela breve exposição acima realizada, percebemos que os estigmas são um campo de difícil apreensão. Algumas teorias podem nos apoiar na tentativa de conceituá-los: a psicanálise, a antropologia, a filosofia, a comunicação, a sociologia, a psicologia social, os estudos de linguagem. Mas é preciso lembrar algo crucial: ainda que tivéssemos uma definição unívoca de *estigmas*, por não estarmos tratando abstratamente deste termo seria necessário olhar as produções culturais para buscar uma aproximação a este conceito a partir de suas tematizações, ou seja: ler/ver os discursos contemporâneos para deles extrair uma definição de estigmas, refletindo sobre o que há em comum na diversidade dos temas abordados, em um movimento que parte dos conceitos para a eles retornar.

Nossa busca por uma definição de estigmas será demonstrada, a seguir, por meio dos jornais selecionados para compor a análise, em que apresentaremos algumas considerações sobre as (con)figurações de estigmas sociais nos discursos jornalísticos.

Primeiras páginas, primeiras leituras

Em nossa análise, optamos por selecionar primeiras páginas de jornais diários a fim de demonstrar, nos discursos jornalís-

ticos, a estrutura narrativa de suas notícias. Neste artigo, privilegiamos as narrativas sobre *estigmas sociais* presentes nessas páginas. A escolha das primeiras páginas como objeto de análise se justifica na medida em que temos, nas capas dos jornais, um complexo processo de seleção e combinação de elementos distintos apresentados de forma hierárquica e, portanto, apontando para o lugar de fala do jornal em sua tentativa de estabelecer laços sociais. Se os jornais organizam o espaço público, suas primeiras páginas organizam seu espaço interno, demarcando nesse processo novas margens para os eventos relatados e modos de dar a ver, aos leitores, a realidade.

A amostragem inclui as primeiras páginas de três grandes diários (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*), num total de 21 páginas (sete por jornal), selecionadas durante a primeira semana de setembro (01-07/09/2004). Como o material se mostrou mais extenso do que os limites deste artigo, apresentamos uma descrição geral das notícias presentes nas primeiras páginas selecionadas para, num segundo momento, focalizar aspectos encontrados em um grupo de notícias escolhidas por sua especificidade temática em torno dos estigmas sociais.

Nas primeiras páginas do jornal *Folha de S. Paulo*, as manchetes principais na semana estudada foram: “PIB cresce 4,2% no primeiro semestre” (01/09); “Terror faz crianças reféns em escola russa” (02/09); “Terroristas libertam 26 reféns na Rússia e mantém tensão” (03/09); “Mais de 200 morrem em escola russa” (04/05); “Putin fala em ‘guerra’; mortos são 366” (05/09); “Seleção vence em festa patriota” (06/09); “Lula utiliza crescimento para incitar patriotismo” (07/09).

O jornal *O Estado de S. Paulo* trouxe, em suas primeiras páginas, as seguintes manchetes principais: “PIB cresce com maior força em 8 anos” (01/09); “Crianças russas reféns do terror” e “Lula quer a criação do Tribunal Agrário” (02/09); “Força-tarefa acusa 137 políticos por evasão e fraude via Banestado” (03/09); “Massacre na escola” (04/09); “Mortos no massacre passam de 350” (05/09); “Campanhas salariais vão exigir fatia da retomada” (06/09); “Produtividade da indústria cresce 7,2% no 1º. semestre” (07/09).

Finalmente, o *Jornal do Brasil* destacou, em suas manchetes, as seguintes notícias: “Consumo eleva a riqueza do país” (01/09); “País consome produtos de exportação” (02/09); “CPI rende 3 bilhões para governo” (03/09); “Terrorismo sem fronteiras ofende a humanidade” (04/09); “Supérfluo volta à lista de

compras” (05/09); “Brasileiro corre para pagar dívidas” (06/09); “Lula ensaia nova etapa de governo” (07/09).

A semana selecionada para a análise inclui um importante feriado nacional (o dia da independência do Brasil), o que nos levou a supor que haveria uma certa homogeneidade nas notícias encontradas (ao menos nas manchetes principais). Ainda assim, fomos surpreendidos por um evento de caráter global que ocupou as manchetes dos grandes jornais: um atentado ocorrido em uma escola russa.

A pequena discrepância entre nossa aposta e o que encontramos nas primeiras páginas, entretanto, atesta uma vez mais a estrutura narrativa das notícias: uma narrativa – heróica e humana – com características nitidamente definidas (composição de heróis; atuação de seus aliados e oponentes; estabelecimento de conflitos; aparecimento de um dano; busca pela restauração do equilíbrio, por ruptura ou conciliações; reconhecimento final positivo ou negativo), por sua pregnância, foi sobreposta a uma narrativa fundadora (unificação em torno da “pátria”).

É interessante notar as especificidades de cada um dos jornais: enquanto a *Folha de S. Paulo* concentrou-se nos atentados (quatro notícias) e em questões nacionais (crescimento e patriotismo, três notícias), o jornal *O Estado de S. Paulo* trouxe cinco notícias sobre temas nacionais (salários, fraudes, produtividade) e apenas duas notícias sobre os atentados. O *Jornal do Brasil*, por sua vez, trouxe apenas uma manchete sobre os atentados na Rússia; as outras seis notícias versavam sobre temas nacionais, com uma curiosidade: quatro delas estavam relacionadas ao tema do consumo de bens.

Outros temas recorrentes foram as notícias sobre o jogo de futebol da seleção brasileira, o noivado do jogador Ronaldo com a modelo Daniela Cicarelli, as eleições presidenciais nos Estados Unidos, as eleições municipais no Brasil, o final das Olimpíadas. Notemos que, de modo geral, todas as capas estudadas trouxeram fotos-legendas como recurso para destacar ou os atentados na Rússia ou questões macro-nacionais quando estes não foram enfocados nas manchetes principais do jornal.

Cada um desses temas foi recoberto por elementos narrativos: pelas manchetes, acompanhamos histórias de dramas humanos (de perto e de longe), o desempenho de personagens específicos (anônimos ou famosos), a superação ou o surgimento de problemas nacionais (especialmente ligados ao governo federal), as variedades de cada região (praia, bial, futebol, entre ou-

tros). Cada uma dessas notícias realiza, nos seus relatos, processos de construção e demarcação de temáticas comuns a todos nós, leitores dos jornais, que acompanhamos dia-a-dia seus episódios e desdobramentos.

Em relação ao nosso tema específico – os *estigmas sociais* – notemos que se faz presente nas notícias secundárias das primeiras páginas, compondo, além das pequenas narrativas, uma *grande narrativa* que recorta os espaços de inclusão/exclusão de atores sociais específicos. Destacamos a seguir as principais chamadas de capa relacionadas aos estigmas em cada um dos jornais analisados. As notícias foram transcritas em ordem decrescente segundo sua disposição (a partir do alto da página do jornal).

Se observarmos as chamadas selecionadas, veremos que os conceitos definidores dos estigmas sociais podem ser identificados: mais do que preconceitos e estereótipos, vemos a composição de um mosaico que se refere a temas recorrentes no imaginário social. É importante ressaltar que algumas dessas notícias não pressupõem uma aproximação negativa aos temas abordados, como aquelas relativas aos casamentos ou às para-olimpíadas. Entretanto, podemos notar uma predominância de aspectos negativos destacados em relação aos estigmas sociais, agregando-os diretamente a preconceitos e estereótipos correlatos.

De modo geral, observamos que as narrativas se constroem em torno de alguns elementos recorrentes: *violência urbana* (máfia, tráfico, moradores de rua, favelas, assassinato); *terrorismo* (atentados, Israel, Iraque, Rússia, árabes); *questões sociais* (vagas noturnas, alfabetização, ongs); *pobreza* (favelas, Moçambique, distribuição de renda); *doença/saúde* (aids, audição, fumo, obesidade); *religião* (evangélicos).

Em termos numéricos, encontramos 14 chamadas sobre estigmas sociais no jornal *Folha de S. Paulo*, 14 chamadas em *O Estado de S. Paulo* e 23 chamadas no *Jornal do Brasil*. O número maior de notícias no *Jornal do Brasil* será comentado ao tratarmos de algumas das especificidades de cada jornal.

A cada dia, pequenas variações são notadas, reforçando o caráter narrativo das notícias e recortando, entre os estigmas sociais, aqueles sobre os quais devemos focar nossa atenção como leitores-cidadãos. Um caso marcante é o dia 1º de setembro, em que o *Jornal do Brasil* não trouxe nenhuma chamada (tampouco sua manchete principal) sobre os atentados na Rússia ou o terrorismo islâmico, temas exaustivamente narrados nos outros dois jornais.

Estigmas sociais – Chamadas de capa

| Data | <i>Folha de S. Paulo</i> | <i>O Estado de S. Paulo</i> | <i>Jornal do Brasil</i> |
|--------------------------|--|---|---|
| 01/09 (quarta-feira) | PIB cresce 4,2% no primeiro semestre | PIB cresce com maior força em 8 anos | Consumo eleva a riqueza do país |
| 02/09 (quinta-feira) | Terror faz crianças reféns em escola russa | Crianças russas reféns do terror Lula quer a criação do Tribunal Agrário | País consome produtos de exportação |
| 03/09 (sexta-feira) | Terroristas libertam 26 reféns na Rússia e mantêm tensão | Força-tarefa acusa 137 políticos por evasão e fraude via Banestado | CPI rende 3 bilhões para governo |
| 04/09 (sábado) | Mais de 200 morrem em escola russa | Massacre na escola | Terrorismo sem fronteiras ofende a humanidade |
| 05/09 (domingo) | Putin fala em ‘guerra’; mortos são 366 | Mortos no massacre passam de 350 | Supérfluo volta à lista de compras |
| 06/09 (segunda-feira) | Seleção vence em festa patriota | Campanhas salariais vão exigir fatia da retomada | Brasileiro corre para pagar dívidas |
| 07/09 (terça-feira) | Lula utiliza crescimento para incitar patriotismo | Produtividade da indústria cresce 7,2% no 1º. semestre | Lula ensaia nova etapa de governo |

Nesse sentido, vale notar que o jornal carioca tem como sua *grande narrativa* em torno dos estigmas um diferencial em relação aos jornais paulistanos: de forma bastante explícita, são os estigmas da violência, da pobreza, do tráfico e das favelas, entrelaçados nas notícias, que se repetem com clareza, o que poderia explicar o maior número de notícias selecionadas neste jornal. O *Jornal do Brasil* foi o único que tratou com algum destaque a cobertura das para-olimpíadas, tema paradigmático se tomarmos a questão dos estigmas em seus aspectos favoráveis de inclusão e negação de preconceitos e estereótipos.

Outra Bibliografia

- BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1994.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FREITAS, J. M. M. *Comunicação e psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1992.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- PROPP, W. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense, 1984.
- SOARES, R. L. *Imagens veladas. Aids, imprensa e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2001.

Em *O Estado de S. Paulo*, predominam as notícias sobre os atentados e o terrorismo internacional, além de temas de interesse nacional; na *Folha de S. Paulo* não há um tema predominante, ainda que os atentados na Rússia e o terrorismo representem quase a metade das chamadas selecionadas. Curiosamente, a *Folha* é o único jornal que possui, entre as notícias selecionadas, duas chamadas sobre um tema supostamente mais leve, ainda que com conotação aparentemente pejorativa em relação às mulheres (daí sua caracterização como estigma). Trata-se do assunto casamento – em um dia, a capa anuncia reportagem com mulheres que têm tudo organizado para casar, menos o noivo; e no dia seguinte, a notícia é que Daniela Cicarelli, noiva do jogador Ronaldo, foi quem comprou as alianças do casal. Chama a atenção, no *Jornal do Brasil*, uma chamada sobre o mesmo assunto: em uma matéria sobre a seleção brasileira de futebol, Ronaldo é chamado de “noivo da vez”.

As notícias destacadas tematizam os estigmas sociais e nos revelam narrativas que apontam para os campos de interdição/normatização de nossa sociedade. Ainda que com diferentes recobrimentos, notamos o caráter interacional dos estigmas nas relações que estabelecem uns com os outros, ressaltando nos atores dessas histórias as marcas (desejáveis ou indesejáveis) que carregam, incluindo/excluindo não apenas “nós” e “eles”, mas também unindo-nos e separando-nos dentro de um mesmo grupo e estabelecendo, assim, os consensos e dissensos, as aproximações e distanciamentos entre os diversos grupos sociais.

Ainda que de forma sintética, esperamos ter conseguido demonstrar a importância do estudo das notícias veiculadas diariamente nos jornais para o entendimento da sociedade e do próprio fazer jornalístico, possibilitando a descoberta de caminhos que apontem bifurcações e deslocamentos para os estigmas sociais presentes em suas narrativas.